

**Evento:** XXVI Jornada de Pesquisa**A PANDEMIA DO COVID-19 E A DECOLONIZAÇÃO DA SAÚDE  
THE COVID-19 PANDEMIC AND THE DECOLONIZATION OF HEALTH****Janete Schubert<sup>1</sup>  
Janaína Machado Sturza<sup>2</sup>****RESUMO**

A pandemia do Covid-19 trouxe consigo importantes desafios, o surgimento de um novo vírus (SARS-CoV-2), com relativo potencial de letalidade para os seres humanos, nos convoca a sentipensar outras formas de ser e estar na modernidade ocidental. O que nos conduz, necessariamente, a questionar a maneira como temos protegido a vida em suas várias formas de manifestação. O cuidado com a vida tornou-se imperativo, sobretudo, quando se considera a maneira como surgiu este vírus e os mecanismos de transmissão. Uma das transformações importantes foi repensar a saúde para além de uma questão individual. Este ensaio busca questionar as noções individualizantes de saúde, através de uma perspectiva de investigação de orientação decolonial, baseando-se na valorização das experiências obtidas na convivência com grupos indígenas de distintas etnias dos territórios de *Abya Yala*. Historicamente, a definição de saúde adotada por organismos internacionais considera a saúde como algo individual, não como algo relacional. Todavia, a existência do vírus nos oportuniza repensar nossa saúde de forma ampla, holística e integral, recordando-nos que somos seres sociais e coletivos e, portanto, nossa saúde e bem-estar depende da comunidade, das emoções, dos sentimentos, desta ecologia profunda e das formas de reciprocidade com outros seres, somos codependentes do equilíbrio dos ecossistemas.

**Palavras-chave:** Pandemia. Decolonização. Saúde.**ABSTRACT**

The Covid-19 pandemic brought with it important challenges, the emergence of a new virus (SARS-CoV-2), with relative lethality potential for human beings, calls us to think about other ways of being and being in Western modernity. Which leads us, necessarily, to question the way we have protected life in its various forms of manifestation. Care for life has become imperative, especially when considering the way in which this virus emerged and the

<sup>1</sup> Bolsista PROCAD/CAPES de Estágio pós-doutoral no programa de Pós-Graduação em Direitos humanos da UNIJUI, no âmbito do projeto “Rede de cooperação acadêmica e de pesquisa: Eficiência, efetividade e economicidade nas políticas de segurança pública com utilização de monitoração eletrônica e integração de bancos de dados” (Programa de cooperação acadêmica em Segurança Pública e Ciências Forenses - Edital nº 16/2020). Doutora em Sociologia pela UFRGS. Mestre em Psicologia Social pela UFRGS. Cientista Social pela UFRGS.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Direito pela Unisinos. Doutora em Direito pela Universidade de Roma Tre/Itália. Mestre em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Especialista em Demandas Sociais e Políticas Públicas também pela UNISC. Professora na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, lecionando na graduação em Direito e no Programa de pós-graduação em Direito - mestrado e doutorado. Integrante da Rede Iberoamericana de Direito Sanitário. Integrante do Comitê Gestor da Rede de Pesquisa em Direitos Humanos e Políticas Públicas. Integrante do grupo de pesquisa Biopolítica e Direitos Humanos (CNPq). Pesquisadora Gaúcha FAPERGS – PqG Edital 05/2019.



mechanisms of transmission. One of the important transformations was to rethink health beyond an individual issue. This essay seeks to question individualizing notions of health, through a decolonial-oriented research perspective, based on the appreciation of experiences obtained from living with indigenous groups of different ethnicities in the territories of Abya Yala. Historically, the definition of health adopted by international organizations considers health as something individual, not something relational. However, the existence of the virus gives us the opportunity to rethink our health in a broad, holistic and integral way, reminding us that we are social and collective beings and, therefore, our health and well-being depends on the community, emotions, feelings, this ecology depth and forms of reciprocity with other beings, we are co-dependent on the balance of ecosystems.

**Keywords:** Pandemic. Decolonization. Health.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2020 ficará marcado na história humana, já que trouxe consigo um importante desafio, a necessidade de enfrentar uma pandemia<sup>3</sup>. O surgimento de um vírus desconhecido, com grande potencial de letalidade para os seres humanos, causou muitas mudanças nos diversos âmbitos das relações sociais, econômicas e culturais, além da lamentável perda de milhares de vidas humanas. De outra parte, nos parece que o fenômeno pandêmico traz um ponto de inflexão importante, o que nos convoca, necessariamente, a profundas reflexões, no que tange as nossas formas de produzir, consumir, ser e estar na modernidade<sup>4</sup>. Uma das questões importantes desta pandemia foi o fator de transmissão, o que fez com que a preocupação com a saúde deixasse de ser uma ação individual, uma vez que cuidar de nós mesmos, tornou-se imperativo para preservar a saúde de todos. Isso nos remete necessariamente a ideia de que não somos corpos isolados, mas que nossas ações individuais interferem no coletivo. O que em última instância nos permite questionar determinadas categorias analíticas como indivíduo e saúde.

---

<sup>3</sup> Enfermidade epidêmica amplamente disseminada.

<sup>4</sup> Adotamos neste texto, a expressão modernidade como discutido por Walsh (2008, p. 7): “com modernidade me refiro ao processo histórico que começou nos séculos XIV ao XVI, a modernidade não tem início com o iluminismo dos séculos XVII e XVIII como afirmou Habermas, nem com as teorias de Rousseau e Marx como sugere Lyotard; começa muito antes, com os vínculos formados entre a racionalidade formal (a que Max Weber chamou de racionalidade meio-fim - que é a racionalidade concebida a partir do indivíduo), a aspiração de dominação do mundo e emergência do mercado mundial. São estes vínculos que formam a base para a noção de progresso linear, a superioridade do homem (europeu) sobre a natureza e o capitalismo como marco macro para orientar e controlar o pensamento (único), a humanidade e a vida”.



Talvez mais do que nunca tenhamos a noção de que somos uma *aldeia global*<sup>5</sup>, não no sentido que tratou McLuhan, porque estamos vivendo em condições sociais, econômicas, políticas e históricas não homogêneas, ao contrário, muito distintas no planeta, contudo, o que acontece no local tem efeitos no global. As profundas transformações no ambiente, tem ocasionado a denominada emergência climática. Tais mudanças são ocasionados pela atuação humana ou a era do Antropoceno<sup>6</sup>. Nossa forma de produzir e consumir tem provocado mudanças irreversíveis, colocando, até mesmo, em xeque a continuidade da vida humana na terra. A existência da pandemia poderia se constituir como uma oportunidade de coletivamente imaginar mundos outros possíveis, ponderando, sobretudo, que nossa forma de viver tem conduzido ao esgotamento deste planeta.

Parte das reflexões aqui propostas são possíveis a partir de estudos progressos sobre decolonialidade e, conseqüentemente, a necessidade de questionar os cânones da ciência hegemônica ou padrão. Neste sentido, necessitamos problematizar também a concepção de metodologia, se adotarmos uma perspectiva decolonial<sup>7</sup>. No exercício de pesquisa, a existência de métodos de investigação, serviu historicamente para colonizar, invisibilizar e subalternizar saberes e corpos (SPIVAK, 2010). Desta forma, neste ensaio adotamos uma orientação decolonial, através do denominado *contemplar comunitário* que pode ser compreendido como “um sentir-escutar-vivenciar-observar decolonial, um escutar-perceber-observar coletivo, no qual o mediador decolonial não é o único que contempla, mas se deixa observar observando. É um contemplar emotivo-colaborativo, vale dizer um co-contemplar, colocar-se diante de”... (ORTIZ; ARIAS, 2019, p. 149, tradução nossa). Partindo desta perspectiva damos eco as experiências obtidas na convivência com grupos indígenas de distintas etnias dos territórios de

<sup>5</sup> O filósofo Marshall McLuhan cunhou, na década de 60 do século passado, o polêmico conceito de aldeia global para descrever um mundo em que todos estariam interligados em uma cultura unificada por meio da tecnologia. O conceito de aldeia global estaria diretamente relacionado ao conceito de globalização - processo pelo qual há aproximação de povos e nações. Essa aproximação tende a uma homogeneização em diversos aspectos, como cultural, político e, principalmente, econômico.

<sup>6</sup> Período relativo à época mais recente da Terra, a era cenozoica, caracterizado pelos efeitos do impacto da atividade humana nos ecossistemas do planeta Terra, tais como as alterações climáticas. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/antropoceno/> > Acesso em 21 de jul. 2021.

<sup>7</sup> A opção pela expressão decolonialidade neste estudo, se ancora na discussão proposta por Catherine Walsh a qual argumenta que suprimir o “s” em seus escritos, não visa promover um anglicismo, mas pelo contrário, a intenção é marcar uma distinção com o significado em espanhol do “des”, o qual pode ser entendido com um simples desarmar, desfazer ou reverter o colonial. Conforme esta pensadora, isto poderia dar a entender que poderíamos passar de um momento colonial a um não colonial, como se estes padrões e marcas deixassem de existir. Com este jogo linguístico a autora visa colocar em evidência não existir um estado nulo de colonialidade, mas posturas, posicionamentos, horizontes e projetos para resistir, transgredir, intervir, insurgir, criar e incidir.



Abya Yala<sup>8</sup>. Convivemos com grupos indígenas em países como Equador, Peru, Chile, Paraguai e Argentina, o contato propiciado com as cosmovisões destes povos, nos permitiram aprofundar uma perspectiva crítica sobre a forma como temos nos relacionado entre nós e com o planeta. Através das vivências propiciadas pelo contemplar comunitário, nos foi possível imergir em outras relacionalidades encarnadas nestes universos simbólicos. E assim, se pode questionar profundamente a forma como temos nos relacionado com a Pachamama/Madre Tierra e a imperante necessidade de inventar outras maneiras de produzir e consumir não pautadas na exploração da terra ou de determinados corpos “racializados”.

## **A CRISE DE CIVILIZAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS**

Frente a crise de civilização (GROSFOGUEL, 2016) que estamos vivendo, urge repensar nossa forma de produzir e consumir no extremo contemporâneo. Por que denominamos uma crise de civilização? Concordando com muitos pensadores (ACOSTA, 2011; BAUTISTA, 2012, 2014; DUSSEL, 2007; HOUTART, 2012; QUIJANO, 2000) a civilização eurocêntrica moderna/ocidental/capitalista/colonial não se limite a um modo de produção e circulação de mercadorias, produz formas de viver, produz uma subjetividade calcada em valores como a competição, o egoísmo, a ideia de que a felicidade se alcança através do consumismo.

Precisamente no campo subjetivo reside seu poder de misticismo, o poder de uma ideologia que divide a humanidade entre dominadores e dominados, vencedores e perdedores. Tal subjetividade tem sua máxima expressão no termo *self-made-man*<sup>9</sup>, ou seja alguém que obtêm sucesso a partir de seus próprios esforços e qualidades. Ideologia que interessa muito ao sistema dominante, ora se o sucesso é algo individual, este dependerá exclusivamente da dedicação e do esforço dos sujeitos. No entanto, o mais importante aqui é atentar para o fato de como se constituem as subjetividades denominadas modernas.

---

<sup>8</sup> A expressão “Abya Yala” “corresponde ao nome que dão os povos indígenas *Kuna* que vivem atualmente na Colômbia e no Panamá, ao continente Latino-americano. Foi retomada pelos povos indígenas do continente assim como, por outros setores para significar um rechaço à colonização” (LE QUANG; VERCOUTERE, 2013, p. 21, tradução nossa). Neste ensaio sempre adotei a expressão *Abya Yala*. É uma postura acadêmica porque em meu entendimento não existe um saber neutro, somos sujeitos políticos sempre

<sup>9</sup> É uma frase clássica cunhada em 2 de fevereiro de 1842 por Henry Clay no Senado dos Estados Unidos que apregoa a ideia de que o sucesso está dentro dos próprios indivíduos, não com condições externas.



Percebemo-nos como indivíduos separados, como se não fossemos parte de uma família, de uma comunidade, da mesma forma se opera uma radical separação com a natureza. E desta forma, podemos tornar objetos outros humanos, outras formas de vida, enfim todo o cosmo. Se pode questionar como se constitui e se mantém um sistema que, sistematicamente, tem destruído a vida. A voracidade deste sistema não tem limites, estamos nutrindo um círculo vicioso de produção de novas mercadorias, o que requer cada vez matérias-primas, consumimos como se vivêssemos em um planeta com bens naturais infinitos.

Precisamos questionar seriamente nossa forma de viver porque isso representa, nada mais nada menos, que a possibilidade de continuidade da vida humana no planeta. Não podemos naturalizar a exploração de uns homens sobre outros, como igualmente não podemos tolerar a destruição de ecossistemas. A ideia de que esta forma de viver é a única possível também constitui uma operação mistificadora desta ideologia. Muitas vezes ao redor do mundo têm se levantado para dizer basta! E parece que o vírus surge como mais um alerta, até porque depois deste, poderão surgir outros, inclusive com maior potencial de letalidade para os seres humanos.

Então, de que forma podemos enfrentar a crise de civilização que estamos vivendo? É uma pergunta, a ideia é que estas palavras nos levem a uma reflexão, questionar para que e para quem tem servido o conhecimento que produzimos? Esta parece ser uma pergunta óbvia, mas tristemente não é! Assim, cabe questionar, em que medida a pesquisa que produzimos produz desacomodação, inquietação e contribui para deixar o mundo menos desigual e injusto. Afirmar que isso é uma ingenuidade, pode também ser considerado um fato revelador da desumanização que presenciamos. De outra parte, se pode pensar que não há neutralidade na produção científica, então o que produzimos emancipa, autonomiza ou invisibiliza e subalterniza?

## **RE-VALORIZAR, RE-INVENTAR, RE-CONHECER E RE-APRENDER**

Precisamos primeiramente conhecer as racionalidades instrumentais (MARAÑÓN, 2014) que operam neste sistema-mundo (MARTINS, 2015). Este parece ser exatamente o ponto de partida, assumir que esta civilização eurocêntrica/moderna/capitalista nos conduz ao ponto de não retorno, é imprescindível, mas não suficiente. A partir disso, temos que *re-inventar* formas de ser e estar neste mundo. Parece-nos que um primeiro ponto reside exatamente no fato



de reconhecerno-nos como parte desta *aldeia global*. Não somos indivíduos, não há seres individuais, somos seres sociais, o sujeito se dá na inter-relação com os outros.

Neste sentido, precisamos *des-aprender* para *re-aprender* porque só se poderá gestar outro mundo utilizando-se novas gramáticas, saberes outros, formas outras de gestar e cuidar da vida. É necessário superar a civilização eurocêntrica/capitalista/colonial/patriarcal e fazer florescer uma nova civilização biocêntrica, na qual o cuidado com a vida em todas suas manifestações seja a prioridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência do vírus nos alerta para a necessidade de repensarmos nossa forma de ser e estar neste planeta. Se danificamos a terra impossibilitaremos também nossa existência, somos codependentes precisamos estabelecer novas relações de produção e de consumo, o que, pressupõe, necessariamente a superação da denominada civilização moderna eurocêntrica/capitalista/colonial.

No entanto, a superação desta civilização prescinde compreender através de quais racionalidades, ideologias, discursos e categorias opera esta cultura, a qual constitui e atravessa nossa percepção de mundo e, mais do que isso, a forma como vivemos. É imperativo adotar uma perspectiva de cuidado integral com a mãe terra e com todas formas de vida, compreendendo-nos como um fio deste tecido que compõe a vida.

Urge decolonizar a noção de saúde que praticamos, ou seja, esta perspectiva de saúde baseada no cuidado individual. Sem dúvida, o cuidado individual é importante, todavia, insuficiente, a questão é percebermo-nos como parte de um organismo vivo, com interdependência de outras formas de vida. Desta forma, nosso bem-estar e, por consequência nossa saúde, depende do equilíbrio dos ecossistemas, atualmente muito afetados pela exploração intensiva de bens naturais. Esta situação afeta um equilíbrio que a terra levou milhões de anos para estabelecer, estamos inviabilizando a permanência da vida humana no planeta (ACOSTA, 2016).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. Solo imaginando otros mundos, se cambiara éste: Reflexiones sobre el Buen Vivir. In: FARAH, I.; VASAPOLLO, L. (Orgs.). **Vivir bien: paradigma no capitalista?** CIDES-UMSA, 1. ed. La Paz, Bolivia: Ed. Plural, 2011.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Autonomia Literária; Elefante. 2016.

BAUTISTA, Juan José. **Hacia la descolonización de la ciencia social latinoamericana:** cuatro ensayos metodológicos y epistemológicos. La Paz, Bolivia: Rincón Ediciones. 2012.

\_\_\_\_\_. **¿Qué significa pensar desde América Latina?** Madrid, España: Akal. 2014.

BAUTISTA, Rafael. Del Mito del Desarrollo al Horizonte del “Vivir Bien” ¿Por qué fracasa el socialismo en el largo siglo xx? **Yo soy si Tú eres ediciones**, n. 1, La Paz, Bolivia. 2017.

GROSGOUEL, Ramón. Del extractivismo económico al extractivismo epistémico y ontológico, **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**, n. 4, p. 33-45, 2016.

HOUTART, François. El concepto de sumak Kawsay (Buen Vivir) y su finalidad con el bien común de la humanidad. In: BIRGIT, D. HOUTART, F. (Comps.). **Un paradigma poscapitalista: el bien común de la humanidad.** Panamá: Ruth Casa Editorial. P. 15 – 67. 2012.

DUSSEL, Enrique. **Materiales para una Política de la Liberación.** Facultad de Filosofía, UANL. Madrid, Espanha: Plaza y Valdés Editores. 2007.

LE QUANG, Matthieu. VERCOUTÉRE, Tania. **Ecosocialismo y Buen Vivir: Diálogo entre dos alternativos al capitalismo.** 1 ed. Quito, Ecuador: Editorial IAEN, 2013. 92 p.

MARAÑÓN. Boris Pimentel. **Buen vivir y descolonialidad: crítica al desarrollo y la racionalidad instrumentales.** 1. Ed. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2014.

MARTINS, José Ricardo. R. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? **Iberoamérica social: revista- red de estudios sociales**, n. 5, p. 95-108. 2015.

ORTIZ Ocaña, Alexander; ARIAS López, Maria Isabel; Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación. **Hallazgos**, n. 16, v. 31, p. 149-168. 2019.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2000.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.